

GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ (BA)

Proposta

ANEXO I

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Carlos Etchevarne
UFBA-Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS LOCAIS COM GRAFISMOS RUPESTRES PRÉ-COLONIAIS

MUNICÍPIO DE PALMEIRAS

Matão de Cima: o sítio com pinturas rupestres e seu ambiente natural

MUNICÍPIO DE LENÇÓIS

Complexo arqueológico Serra das Paridas

MUNICÍPIO DE MUCUGÊ

Feixo da Lapa: (Distrito de João Correia)

Cachoeira do Boqueirão (Distrito de Coité)

MUCUGÊ, LENÇÓIS, PALMEIRAS E ANDARAÍ: LOCAIS COM MANIFESTAÇÕES ARQUITETÔNICAS REGIONAIS

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Nos municípios de Lençóis, Palmeiras, Andaraí, Mucugê, assim como em outros da Chapada Diamantina destacam-se dois grandes conjuntos de vestígios de ocupação humana referentes a períodos históricos diversos: 1- os grafismos rupestres correspondentes às populações indígenas pré-coloniais e 2- os conjuntos arquitetônicos das vilas formadas durante a exploração diamantífera, já iniciado o século XIX.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS LOCAIS COM GRAFISMOS RUPESTRES PRÉ-COLONIAIS

Dentre os domínios petrológicos da Chapada Diamantina sobressaem os arenitos, que se estendem formando relevos de alturas variadas chamados serras. Nas encostas delas são claramente visíveis os alinhamentos de blocos em camadas, marcadamente diferenciados, resultantes das flutuações de níveis marinhos, milhões de anos atrás. Os modelamentos característicos resultantes da geodinâmica (sobretudo dos processos erosivos), nos arenitos, especialmente aqueles que passaram pelo processo de silicificação, criaram situações topográficas altamente favoráveis à instalação de pequenos grupos humanos, como os de caçadores coletores pré-coloniais que habitaram o território baiano.

De fato, a erosão da base dos afloramentos areníticos modelou relevos que costumam ser comparados com cogumelos, posto que na parte inferior são mais estreitos que na parte superior, assemelhando-se assim a esse tipo de fungos. Essas reentrâncias rochosas são ideais para abrigar grupos humanos, alguns dos quais conheciam as técnicas de pinturas. As diferenças de estilos pictóricos e a sobreposição deles demonstra que em vários momentos esses abrigos foram utilizados com essa finalidade gráfica.

A localização dos afloramentos varia bastante, sendo que alguns encontram-se em pontos proeminentes, com ampla visibilidade sobre o horizonte em mais de 180 °, e outros ficam ocultos, porque se encontram em áreas rebaixadas ou protegidas por barreiras de blocos ou vegetação alta.

Esses espaços, bastante frequentes nos municípios de Lençóis, Palmeiras, Mucugê e Andaraí, entre muitos outros da Chapada Diamantina, têm sido interpretados, em arqueologia, como espaços de moradia transitória, isto é, pontos de passagens recorrentes, com permanência de curta duração. Por sua vez, os paredões de arenitos a depender de algumas variáveis de formato e localização, também foram utilizados como local de acampamento e como suporte de pinturas, sempre que permitissem uma mínima cobertura contra os intemperismos e alguma proteção contra possíveis visitantes não desejados.

Alguns exemplos de sítios de pinturas rupestres demonstram que houve uma grande difusão de sistemas gráficos que funcionavam eficazmente aos fins de comunicação, qualquer que seja o sentido com que eles foram plasmados.



Figura 1 – Serra das Paridas-Município de Lençóis. Afloramentos de arenito, em que há abrigos com vestígios de grafismos rupestres.

Foto: Júlio Melo de Oliveira (2007)

MUNICÍPIO DE PALMEIRAS

O município de Palmeiras conserva sítios de pinturas em várias partes de seu território, como em Matão de Baixo, Matão de Cima e em Serra Negra, onde há uma sucessão de abrigos rupestres, de grande beleza paisagística.

No primeiro dos sítios foram efetuadas escavações, com escassos achados de instrumentos e muitos bloquinhos de hematita especularita, que poderia ter sido utilizada como fonte de pigmentos avermelhados, que predominam no grande painel.

Matão de Cima - O sítio com pinturas rupestres e seu ambiente natural

O sítio arqueológico está constituído por um grande paredão, liso, com ligeiras ondulações, sobre o qual há pinturas distribuídas. Hoje, essas encontram-se um pouco apagadas, em razão do intemperismo e da produção de uma camada fina de cristalização de sílica. Tem setores dos painéis em que fica difícil visualizar o que foi pintado, em função do desgaste e a acumulação da camada de cristalização.

Paralelamente ao paredão, existe, na base, uma parte plana de aproximadamente 2m de largura, como um piso passarela, antes de entrar no declive, que está coberto por uma vegetação densa. Esse setor corresponderia à área de circulação e de permanência dos pintores do abrigo. Em tempos relativamente recentes, os proprietários construíram um

muro de 1 m de altura que representava o limite de duas propriedades de dois irmãos, César e João Abreu¹. Apesar da mata crescida, densa e alta, pode ser observado, hoje, desde o paredão, uma parte do caminho de subida e um setor do riacho que ultrapassamos para chegar ao sítio. Essa situação outorgaria, ao local, um caráter estratégico, em tempos pretéritos, posto que tem visibilidade para o exterior, sem que de fora nada possa ser percebido. Esse é um fator bastante importante nas considerações sobre a intencionalidade das manifestações gráficas que o grande painel apresenta. Ou seja, aponta para a intenção dos grupos de executar as pinturas sem serem vistos e sem que os grafismos sejam encontrados facilmente.

O paredão tem dois grandes setores pintados. O maior deles de quase 20 m de comprimento, tem pinturas desde quase a base até 5 m de altura, indicador de que se utilizou andaimes, escadas ou qualquer outro artifício que permitisse alcançar até os pontos mais altos, em que os motivos pintados foram efetuados.

Estilisticamente, as figuras podem ser vinculadas a um sistema pictográfico que se convencionou em denominar Tradição Agreste. Ela consiste em figuras de tamanho médio ou grande, sejam zoomorfos como antropomorfos, pintados com traços largos, feitos com os dedos ou com pinceis grossos. As figuras não compõem cenas, ou seja que, normalmente, são elementos gráficos independentes e sem claros indícios de ações ou dinamismo. Não há interesse em representar o movimento, razão pela qual homens e animais são hieráticos, rígidos, sem planos de sustentação. No painel maior há uma profusão de elementos pintados, sobressaindo os grafismos de animais. Logo há representações desbotadas que sugerem antropomorfos e as já conhecidas mãos pintadas, em positivo, seguindo uma linha que atravessa quase todo o painel, formando uma linha horizontal até chegar a uma quebra do paredão, fator que foi aproveitado para dar continuidade à sucessão de mãos, desta vez em linha vertical. Ou seja, a sucessão de mãos em linha horizontal e maior que a do sentido vertical.

O segundo setor do paredão, à direita, está muito prejudicado pela presença de umidade e de macro e micro vegetação (bromélias e musgos, respectivamente), que se instalaram sobre a rocha, fato que somado à produção de cristalização da sílica, tornou os grafismos quase imperceptíveis. Os que conseguem ser visualizados estão associados ao estilo predominante do painel maior, isto é, a Tradição Agreste.

O solo da faixa plana, que se estende junto ao painel, é bastante solto, arenoso, de cor marrom escura, composto basicamente dos grãos de quartzo (areia), resultado da perda da matriz silicosa da rocha, misturado com a matéria orgânica decomposta da vegetação em torno. Em superfície podem ser recolhidos restos de plantas: cortiças, galhos, folhas, pequenas raízes e coquinhos de babaçu, palmeira onipresente nesta e em outras áreas do município.

Informações oferecidas por Osvaldo José Brandão, sobrinho de ambos, de 82 anos



Figura 2 - Município de Palmeiras - Vista geral do sítio Matão de Cima

Foto: Júlio Melo de Oliveira (2007)

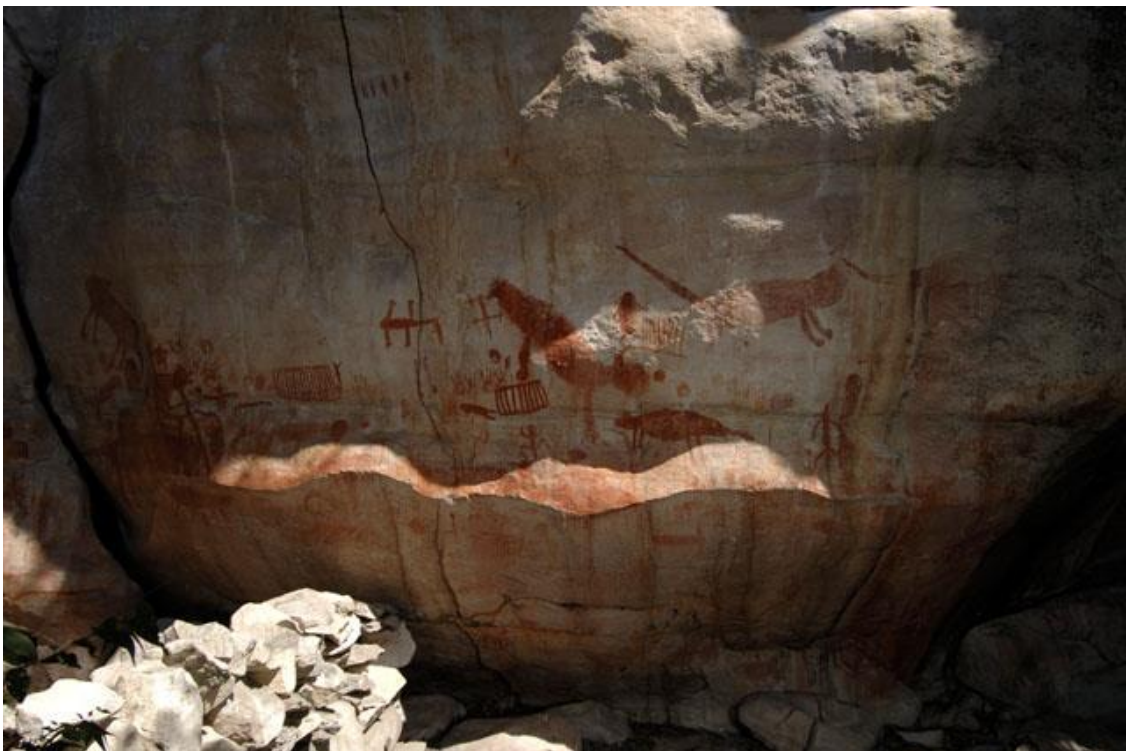


Figura 3 - Sítio Matão de Cima – Município de Palmeiras - Vista parcial do grande painel com motivos preponderantemente zoomorfos (especialmente de onças) e alguns antropomorfos e geométricos

Foto: Júlio Melo de Oliveira (2007)

MUNICÍPIO DE LENÇÓIS

Complexo Arqueológico Serra das Paridas

O Complexo Arqueológico Serra das Paridas é um conjunto de quatro conjuntos de afloramentos com diversos abrigos e paredões, com pinturas rupestres, localizados em propriedade particular, no Distrito de Tanquinho.

O conjunto de abrigos de arenito silicificado apresenta variação nos setores pintados. Muitas das figuras foram realizadas sobre superfícies pouco abrigadas e visíveis à distância. Outras foram colocadas em setores restritos e pouco observáveis, isto é, identificáveis unicamente por quem passa a poucos metros.



Figura 4 - Lençóis, Serra das Paridas I. Paredão arenítico com painéis de pinturas rupestres

Foto: Júlio Melo de Oliveira (2007)

Neste primeiro conjunto de grafismos predominam os elementos geométricos, em alguns casos bastante elaborados. Usou-se tanto a linha como o plano para as composições, havendo uma frequência alta de elementos triangulares. Em alguns casos pode se vincular muito claramente à tradição pictórica São Francisco, características da região da bacia do rio do mesmo nome. Outras, especialmente as compostas de linhas, podem se englobar em um estilo pictórico menos elaborado, ao que se dá o nome genérico de representações geométricas.



Figura 5- Lençóis. Serra das Paridas I. Motivos gráficos geometrizarantes (branco e vermelho)

Foto: Júlio Melo de Oliveira (2007)

As cores utilizadas são predominantemente a vermelha (nas suas tonalidades arroxeada e alaranjada), originadas dos óxidos de ferro. Logo, com menor frequência de representatividade, a amarela, a branca e a preta. Existem muitos casos de superposições de figuras, sejam antropomorfas, zoomorfas ou geométricas, o que pode estar indicando momentos sucessivos de pinturas de um mesmo estilo (grupos sociais com o mesmo sistema gráfico).

Na área da Serra das Paridas encontram-se outros quatro conjuntos de afloramentos areníticos com painéis pintados, classificados com números (I, II, III e IV). O mais rico em grafismos é Serra das Paridas IV, que como o primeiro abrigo de Serra das Paridas I, tem dois níveis de painéis, inferior e superior. Em ambos os casos se tem uma visão extraordinária de 180 graus sobre o horizonte, fator que não pode ser negligenciado quando se trata de visibilidade desde o sítio e para o sítio, associando-se à intencionalidade as pinturas



Figura 6 - Lençóis. Serra das Paridas III . Pannel com três motivos antropomorfos de grande tamanho e duas emas à esquerda

Foto: Júlio Melo de Oliveira (2007)

No complexo de sítios Serra das Paridas há elementos gráficos geométricos que não são achados em outros locais da Chapada Diamantina, com combinações de formas concêntricas quadradas, feitas em linhas finas, de cor amarela. Da mesma forma os antropomorfos, se destacam pelo formato pouco convencional, como várias maneiras de sintetizar o corpo humano, pintados em cor vermelho (Serra das Paridas III).

Até o momento, Serra das Paridas é a única área do município de Lençóis com um número importante de locais de arte rupestre. Podem ser mencionadas manifestações gráficas menores ou até ocorrências de uma única figura, em diversas partes, inclusive em rochedos que beiram os rios, como no Serrano, próximo à cidade de Lençóis. Mas até o momento são os abrigos de arenitos de Serra das Paridas que se destacam pela representatividade numérica e a variação de motivos no território do município.

Uma das áreas abrigadas do sítio, que não tem pinturas, foi motivo de intervenção arqueológica com o objetivo de encontrar vestígios de instalação humana que permitissem contextualizar os grafismos. Foram encontradas numerosas lascas que serviam como ferramentas, cuja matéria prima era igual à do abrigo. Ademais foram localizadas duas fogueiras, bastante aprofundadas com muito carvão nas bases, o que proporcionou uma datação de pouco mais de 8.000 anos de antiguidade. Se bem não houve como associar as pinturas a essa idade, provou-se que nesse período já havia ocupação humana no abrigo.

MUNICÍPIO DE MUCUGÊ

Neste município encontram-se vários sítios de pinturas, segundo informações dos próprios moradores, ainda que somente dois foram cadastrados. A situação dos suportes rochosos em arenito repete o que acontece nos outros três municípios, a saber, o acamadamento que formam estratos de blocos, desta vez com sinais de maior alteração, sem o registro do processo de silicificação, mas com formação de pátina, mas escura que a rocha.

O modelamento topográfico onde estão as pinturas se vincula com os de outros lugares da Chapada Diamantina, especificamente aonde há formação de boqueirões ou desfiladeiros. Lugares de passagem ou de curta permanência, os boqueirões foram preferenciados por certos grupos que os frequentavam recorrentemente. Existem sobreposições dos motivos pertencentes a um mesmo sistema gráfico que ajudam a interpretar o uso reiterado dos mesmos locais.

Nestes relevos não existem as típicas reentrâncias na base dos afloramentos de arenitos silicificados, que formam os abrigos. Eles são constituídos por paredões irregulares, onde os blocos sobrepostos se projetam ou reentram, criando faces desiguais, apropriadas para a utilização como suporte de motivos gráfico, como acontece nos sítios Feixo da Lapa (distrito de João Correia) e em Cachoeira do Boqueirão (distrito de Coité).

Feixo da Lapa (distrito de João Correia)

O sítio rupestre encontra-se rodeado de vegetação densa que avança até a base do afloramento, onde tem uma espécie de lajedo. Ou seja, além de não ter a típica proteção dos arenitos, o abrigo tipo marquise, não há acúmulo de sedimentos, aparecendo o solo formado pela própria rocha.

O universo gráfico do sítio pode ser circunscrito a um único estilo pictórico baseado, fundamentalmente, em figuras geométricas. Ou seja, é reconhecido um único período de pinturas, sem que isso signifique, necessariamente, terem sido realizadas em um momento só. Antes, as sobreposições de motivos existentes em vários pontos do sítio indicam a alta probabilidade de visitas recorrentes, por parte de um mesmo grupo.

Em termos de técnicas de execução observa-se que os motivos foram executados com linhas largas, utilizando pincéis grossos ou, então, os dedos das mãos, o que provoca pouca definição nos limites das linhas. As cores predominantes são o vermelho e o preto, empregando-se separadamente ou combinadas para uma figura individual o para um conjunto de grafismos. Em alguns exemplos pode ser reconhecido que o preto foi utilizado com posterioridade que o vermelho, podendo se interpretar como uma complementação da figura precedente. Em outros casos, observa-se a intensão deliberada de pintar sobre as figuras vermelhas, ganhando-se assim um destaque sobre as precedentes.

Os motivos representam círculos simples, concêntricos, com traços radiais, grades, conjuntos de linhas paralelas na vertical, tracejados, entre outros. A distribuição deles parece estar bem determinada segundo se trate de uma face do bloco frontal ao observador ou horizontal (nos “tetos” de cada bloco). De fato, os círculos, em todas as suas variedades, têm sido colocados em posição horizontal, de forma que devem ser lidos olhando para cima. Os motivos restantes estão posicionados nas faces verticais dos blocos.

Existe ainda uma série de motivos antropomorfos que formam parte desta unidade estilística. São formas que aludem a silhuetas humanas muito sintetizadas e em alguns casos desproporcionadas, pintadas em preto ou em vermelho. Acompanham “carimbos” de

mãos com linhas verticais e horizontais internas à palma, efetuadas pela retirada de pigmentos sobre a marca já na rocha.

Por último, cabe mencionar que as combinações de cores vermelho e preto em uma mesma unidade gráfica parecem predominar em certas partes do sítio, sendo que em outras as sobreposições das figuras em preto são mais recorrentes, impondo-se assim visualmente nos painéis. Pode se deduzir que houve, por alguma razão, uma marcada mudança na preferência de cores, nos últimos momentos de pintura do sítio.



Figura 7- Mucugê. Sítio Feixo da Lapa. Vista geral nas proximidades do local com grafismo rupestres.

Foto. Júlio Melo de Oliveira



Figura 8 - Mucugê. Sítio Feixo da Lapa. Sobreposições de figuras geométricas, em vermelho e preto.

Foto. Júlio Melo de Oliveira

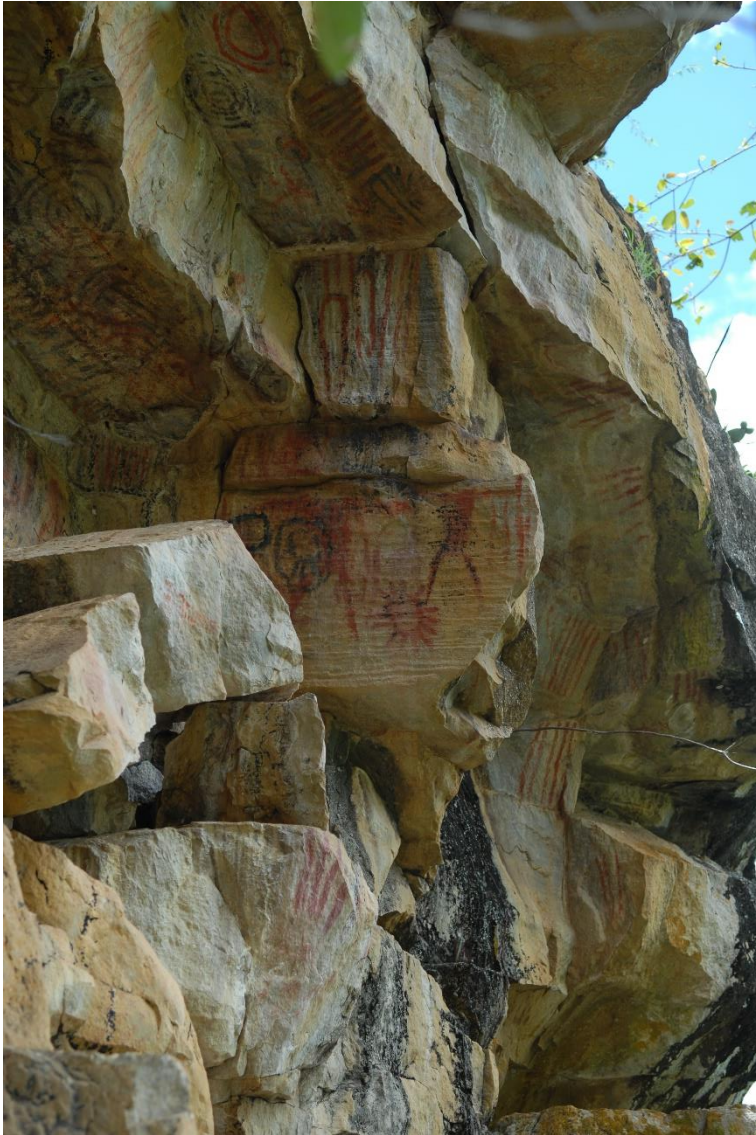


Figura 9 - Mucugê. Sítio Feixo da Lapa. Detalhe do paredão com sobreposições de grafismos geométricos

Foto. Júlio Melo de Oliveira

Cachoeira do Boqueirão (distrito de Coité)

Como seu nome o indica, o sítio Cachoeira do Boqueirão está localizado em uma área de passagem entre duas elevações, cobertas com vegetação densa de natureza arbustiva ou arbórea de pequeno porte. A constituição topográfica se assemelha bastante a Feixo da Lapa, no sentido que se trata de um conjunto de blocos de arenito de arrumação desigual, mas neste caso com uma pequena marquise de proteção na base.

Os pontos com pinturas são muito poucos e eles se apresentam na parte vertical dos blocos, enfrentando-se ao observador, sendo que o número de figuras é muito reduzido. Aqui também os grafismos estão vinculados à um estilo em que predominam os motivos geométricos abstratos. Em todas as figuras se utilizou o vermelho, aplicado com pinceis largos e entre elas sobressaem dois elementos denominados “cocares”, que aparecem frequentemente em outras partes da Chapada Diamantina, como em Piatã e Boninal.



Figura 10- Mucugê. Sítio do Boqueirão. Vista das proximidades do local com pinturas. Foto: Júlio M. de Oliveira

Foto: Julio Melo de Oliveira (2007)



Figura 11 - Mucugê. Sítio do Boqueirão. Detalhe da parte inferior de uma marquise, com grafismos geométricos .

Foto Júlio M. de Oliveira

MUCUGÊ, LENÇÓIS, PALMEIRAS e ANDARAÍ. LOCAIS COM MANIFESTAÇÕES ARQUITETÔNICAS REGIONAIS

O desenvolvimento do povoamento destes municípios deve-se à exploração do diamante, a partir das primeiras décadas do século XIX. A explosão econômica que o diamante, primeiro a gema e depois o carbonato de uso industrial, trouxe para a Chapada Diamantina, antes muito pouco povoada, um aumento demográfico desenfreado e a criação espontânea de núcleos urbanos incipientes que com o passar do tempo e enriquecimento de certos grupos se expandiram e consolidaram. Esta situação histórica justifica um urbanismo pouco organizado, que na medida do possível, foi sendo alterado, corrigido e saneado.

Um exemplo pouco alterado desta forma de urbanização espontânea é a Vila de Igatu, que mantém o traçado original, com parte da cidade em ruínas. As casas se agrupam em torno de um eixo longitudinal formado por uma rua e por poucas e curtas transversais. Este eixo corre paralelo ao rio da Lapidação e corresponde à continuação da estrada que une Andaraí à Vila de Igatu.



Figura 12 - Andaraí. Vila de Igatu. Ruínas de casas enfileiradas formando o arruamento que conduzia às áreas de garimpo.

Foto Júlio Melo de Oliveira

O setor que atualmente se encontra em ruínas corresponde ao último trecho da rua que levava ao garimpo, demonstrando que a construção da cidade estava voltada fortemente para a atividade econômica dominante. Pode-se observar nesta parte o uso da técnica de alvenaria em pedra e as divisões simples do interior das casas, cujos fundos formavam pomares e áreas de trabalho doméstico.

Do primeiro momento construtivo, ou seja, das improvisadas e rústicas instalações, só restaram algumas moradias rupestres, nos municípios de Andaraí e Mucugê. Trata-se de

adaptações elementares, em locas ou tocas naturais, na base de afloramentos, cuja entrada era parcialmente protegida com paredes construídas com pedras sobrepostas a seco ou com taipa de sopapo, podendo apresentar internamente alguma divisão interna. Essas moradias eram ocupadas por garimpeiros pobres ou como primeira residência de recém chegados. Embora nos primórdios pudesse constituir uma primeira instalação temporária, seu uso foi prolongado, como alternativa para famílias pobres, até pleno século XX.

Em termos de arquitetura civil as cidades mencionadas têm conjuntos residenciais muito bem conservados, em que podem ser identificados períodos de construção diferentes, pelos seus componentes estilísticos, sempre a partir da segunda metade do século XIX. Também se verificam claras distinções sociais dos seus proprietários. De fato, os sobrados, com um ou dois andares, que aludem a famílias mais abastadas, começam a surgir na década de 60 do século XIX e aumentam em número para o final desse século, reproduzindo a arquitetura utilizada nos centros urbanos de grande porte, especialmente a de Salvador.

Desse período são os elementos neogóticos, mais concretamente os arcos ogivais nas janelas e nas portas. Ou seja, incorpora-se, com muita originalidade, aquilo que era possível de ser aplicado a uma arquitetura residencial que pudesse demonstrar sintonia com a capital. Deve ser destacado que o arco ogival, emoldurado ou não, teve uma forte aceitação na Chapada Diamantina, usando-se em residências particulares, igrejas ou em edifícios públicos, com grande frequência.

No final do século XIX e início do XX se introduzem alguns componentes decorativos da arquitetura eclética neoclássica na ornamentação dos prédios, qualquer que seja a sua função. Surgem, então as platibandas, pináculos que decoram as beiradas dos telhados e os arcos de meio ponto ganham espaço nas aberturas, que começam a ser vedadas com vidro, deixando entrar a luz do exterior. É também neste período que os casarões podem apresentar espaços ajardinados na frente ou nas laterais, demonstrando uma nova concepção nos projetos das residências.

Por sua vez, as casas dos grupos sociais menos privilegiados ergueram-se umas junto às outras, compartilhando os alinhamentos de fachada e de telhados, já que, no geral, esses tinham uma das quedas d'águas paralela à rua. Nestas casas continuaram sendo usados o adobe e o pau a pique como técnicas construtivas, assim como as telhas do tipo colonial para o telhado. Nas fachadas abrem-se uma ou duas janelas a um lado da porta de ingresso, com exemplos de aplique de molduras.

Na área rural e semi rural também se usou para as paredes o adobe ou, em alguns casos, o pau a pique. Já, como telhado, empregou-se frequentemente grandes lajotas quadrangulares de arenito retiradas de pedreiras especiais, furadas e “costuradas” às ripas da estrutura de sustentação do teto. Esta característica construtiva perdurou até segunda metade do século XX, existindo, até hoje, exemplos bem conservados.

Por sua vez a arquitetura religiosa não sobressai pela sua monumentalidade, grandiosidade ou luxo e sim pela sua harmonização com o contexto urbano. Efetivamente, mesmo que situadas em locais de ampla visibilidade, suas dimensões e proporções, isto é, a volumetria do edifício, não as destacam de forma imperativa sobre o resto das construções. As fachadas repetem o mesmo esquema de inúmeras igrejas simples da Bahia, com uma ou três portas, duas torres, às vezes incompletas, e um frontispício triangular entre as duas torres. Naquelas igrejas com fachadas mais elaboradas aparecem janelas, por cima das portas.

Os interiores também são simples, com partidos de uma única nave, altar mor com arco rebaixado, coro na forma de um mezanino na parte superior da entrada, teto da nave

abaulado, forrado em madeira, que às vezes apresentam representações do santo orago da igreja. As sacristias normalmente estão incorporadas à planta retangular do templo, ou no máximo, sobressaindo pouco nas laterais.

Em termos de adjudicação estilística, em linhas gerais as igrejas podem ser vinculadas a um estilo eclético em que aparecem ainda elementos barrocos simplificados misturados ao neoclássico renovado do final do século XIX. Em todos eles observa-se a mão de artesões populares, seja na alvenaria, na madeira ou no trabalho da pedra.

Mas, em termos de arquitetura de função ritualística, nesses municípios devem ser destacados, sem sombra de dúvidas, pela sua originalidade, os cemitérios. Provavelmente usando-se como modelo o de Mucugê, o primeiro a ser construído, outros sucedâneos adotariam os mesmos critérios de construção, como o da vila de Igatu.

O cemitério de Santa Isabel de Mucugê, popularmente chamado de “bizantino”, tem como características principais o uso da escarpa da serra do Sincorá, em que se escavou a rocha para a abertura das sepulturas. Sobre elas erguem-se pequenos mausoléus, em alvenaria de pedra rebocada e caiada, com elementos decorativos em arcos de tijolos e pináculos rebocados dispostos nas extremidades da parte superior. O conjunto, de fato, cria o aspecto luminoso e impactante que assemelham os povoados, igrejas e cemitérios cristãos ortodoxos do leste mediterrânico, o que, talvez, justificaria o apelido de “bizantino” que lhe foi dado mais recentemente, aludindo-se a essa procedência do Oriente Médio.

Mas outro aspecto menos conhecido do cemitério de Santa Isabel refere-se à área de sepulturas localizadas na parte inferior da serra, em área plana, onde existe um solo arenoso. Aqui foram e ainda são enterrados corpos diretamente no chão e construído encima uma espécie de sarcófago de alvenaria, de forma prismática, com uma aresta na parte superior que divide em partes iguais o túmulo. Este tipo de sepultura comum, igualmente caiado como as dos mausoléus, que é denominado arqueologicamente de kopa, também é muito característica desde tempos imemoriais, da região levantina do Mediterrâneo, usando-se ainda hoje nos cemitérios muçulmanos.

O cemitério da Vila de Igatu, em Andaraí, e o da Vila da Serra da Cravada, em Lençóis, povoado que hoje se encontra em ruínas, tem também áreas cimiteriais com sepulturas que se assemelham do ponto de vista constitutivo e ornamental com as de Mucugê. Por se tratar de vilas posteriores à fundação de Mucugê, pode se pensar em uma influência regional do modelo de espaço funerário mucugense.



Figura 13 - Andaraí. Vila de Igatu. Cemitério com mausoléus que refletem o padrão arquitetônico mucugense.

Foto Júlio Melo de Oliveira

Por último, mas não por isso menos importante, deve-se destacar um aspecto decorativo que emergiu na segunda metade do século XX e que perdurou até as últimas décadas desse século, com menos intensidade. Refere-se à ornamentação de fachadas com frisos, molduras e remates de teto com elementos geométricos, formados por linhas simples ou paralelas, triângulos, círculos, losangos, gregas, ziguezagues, em alto relevo e pintados com branco ou com cores que contrastam com o resto da parede.

Essa decoração muito frequente no interior do Estado da Bahia, também está presente em casas que não formam parte do núcleo histórico dos municípios de Lençóis, Mucugê, Palmeiras e Andaraí, mas se localizam em ruas mais periféricas. Essa decoração geometrizar das fachadas parece ter sido uma apropriação popular dos elementos decorativos de influência tardia da art déco ou mais apropriadamente da arquitetura racionalista do período Vargas, já que muitos prédios públicos foram construídos no interior do estado e poderiam ter servido de modelos inspiradores. Qualquer que seja a origem, o que pode ser comprovado é que o gosto por esses elementos decorativos ganhou adeptos e imprimiu uma forte marca na arquitetura vernácula baiana.

REFERÊNCIAS

COSTA C.; ETCHEVARNE, C.; MACEDO, J. M. Arqueologia da mineração na Bahia: avaliação e caracterização do potencial arqueológico da Vila de Xique-Xique de Igatu. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 15., 2011, Belém. **Anais...** Belém: SBA, 2011.

ETCHEVARNE, C.; COSTA, C.; MACEDO, J. M. **Arqueologia da mineração na Bahia**: Parque urbano de Igatu. Levantamento e caracterização do potencial arqueológico (município de Andaraí). Salvador, 2007. Documento inédito, digitalizado.

ETCHEVARNE, C. ; BEZERRA A.; LABANCA M. **Relatório da 1ª. etapa do projeto Circuitos Arqueológicos de Visitação da Chapada Diamantina**. Salvador, 2013. Documento inédito, digitalizado.

BAHIA. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia**: monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina. Salvador: Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, 1997. v.4

MORAES, W. **Jagunços e heróis**: a civilização do diamante nas lavras da Bahia. 4.ed. Salvador: IPAC, 1991.

NEVES, E. F.; MIGUEL, A. **Caminhos do sertão**: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Salvador: Editora Arcádia, 2007.

CURRÍCULO RESUMIDO DO AUTOR



Carlos Etchevarne

Professor de Arqueologia do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Universidade Federal da Bahia), tem desenvolvido suas pesquisas focadas essencialmente no patrimônio arqueológico da Bahia. Abordou temas vinculados aos grupos indígenas pré-coloniais construtores de grandes aldeias, denominados Aratu e Tupi, que constituíram o horizonte sócio-cultural mais importante no momento da chegada dos portugueses ao território da Bahia. Outra linha de pesquisa de especial interesse do investigador é o da Arqueologia Urbana, efetuando escavações nos centros históricos de Salvador, Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia. A partir de 2006 colocou ênfase nos sítios de pinturas e gravuras rupestres da Chapada Diamantina, coordenando projetos de pesquisa e extensão, com forte interesse na sensibilização das comunidades próximas aos sítios, preparando-as para a gestão participativa.

Além da UFBA, Etchevarne é docente da Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisador associado do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP), orientando mestrados, doutorandos e pós-doutorandos portugueses e brasileiros, além de bolsistas de Iniciação Científica na UFBA. Publica seus artigos em revistas nacionais e internacionais e organizou os encontros da Associação Brasileira de Arte Rupestre (ABAR) e do Fórum Luso Brasileiro de Arqueologia Urbana.